

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

A DOMINAÇÃO MASCULINA EM *MORNAS ERAM AS NOITES*

DÉBORA CRISTINA MARTINS DE OLIVEIRA

**RIO DE JANEIRO - RJ**

**2021**

DÉBORA CRISTINA MARTINS DE OLIVEIRA

A DOMINAÇÃO MASCULINA EM *MORNAS ERAM AS NOITES*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. doutora Vanessa Ribeiro Teixeira.

**RIO DE JANEIRO**

**2021**

FOLHA DE AVALIAÇÃO

DÉBORA CRISTINA MARTINS DE OLIVEIRA

DRE: 115186969

A DOMINAÇÃO MASCULINA EM MORNAS ERAM AS NOITES.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da

Universidade Federal do Rio de Janeiro, como

requisito parcial para obtenção do título de

Bacharel/Licenciado em Letras na habilitação

Português/Literaturas em Língua Portuguesa.

Data de avaliação: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

Vanessa Ribeiro Teixeira (Orientadora) - Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa - UFRJ

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

Marlon Augusto Barbosa

Doutor em Teoria Literária (UFRJ)

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas dos avaliadores: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Concluir este TCC foi muito complicado para mim. Por dois anos, eu estive bloqueada no âmbito criativo, mas não só isso: também me sentia incapaz de terminá-lo e ficava nervosa cada vez que o abria. Adquiri um verdadeiro medo de fazê-lo. Pensei em desistir de tudo, mas, graças a pessoas maravilhosas que tenho ao meu lado, consegui de fato terminar esse trabalho.

Por isso, meus agradecimentos iniciais vão para aqueles que contribuíram para a minha não desistência: Dinalva Serrate, que todos os dias me encorajava e me lembrava onde quero chegar; Cleonice Cortez, minha querida avó, que sempre me lembrou tudo o que eu passei para chegar até aqui; Déborah Rios, que sempre me dizia que eu ia conseguir; Paloma Porto e Angélica Nogueira, que também me apoiavam quando me sentia incapaz; a minha antiga empresa, que, mesmo depois de demitida, me emprestou o computador para que eu terminasse este trabalho, e também à minha orientadora Vanessa Ribeiro Teixeira, que não desistiu de mim.

O meu maior agradecimento vai para Deus, que mudou o meu destino quando eu tinha nove meses e me botou em uma família de mulheres fortes, que são exemplos de luta, de força, de independência. Sou especialmente grata à minha mãe, que sempre investiu em mim e na minha educação, prioridades para ela.

Faço também um agradecimento especial à minha tia Dinalva, que me apresentou ao mundo da leitura e da cultura, e despertou em mim o interesse e a paixão pela vida docente. Espero que um dia eu possa ser uma professora tão boa quanto ela.

Agradeço ao meu namorado Harry Lopes, que me deu muita força durante toda a minha graduação. Sempre pude sair tarde da faculdade um pouco menos preocupada com a violência do lugar onde moro, porque sabia que ele iria me buscar no ponto de ônibus e me proteger até chegar em casa.

Por último, quero agradecer aos meus professores que me deram apoio quando fui operar a coluna, pois tive que me ausentar antes mesmo do período acabar.

Cursar Letras, para mim, foi como o princípio da realização de um sonho que é lecionar. Espero que eu possa ser útil, ajudar pessoas, participar de processos de transformações de vida. Sei que não posso mudar o mundo, mas, através da educação, sei

que posso fazer algo diferente em prol desse mundo e diferença na vida de alguém. Que eu possa ajudar e incentivar pessoas a serem o que quiserem ser.

## **RESUMO**

Trabalho de Conclusão de Curso para a graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este trabalho consiste na análise de contos selecionados do livro *Mornas eram as noites*, de Dina Salústio, enfatizando os temas de opressão feminina e dominação masculina, com base também na leitura de *A Dominação Masculina*, de Pierre Bourdieu.

O ponto mais importante deste trabalho consiste na acentuação do fato de que as relações entre os homens e as mulheres constituem uma relação social. Tendo como foco a ideia de gêneros de forma categorizada do sexo que, para mim, tendo como resultado da relação, uma das modalidades pelas quais a relação social entre os sexos se expressa, mas não toda a relação

Palavras-chave: Dominação Masculina, Gêneros, Opressão Feminina

## **ABSTRACT**

Course Completion Work for the Graduation in Arts at the Federal University of Rio de Janeiro. This work consists of the analysis of selected short stories from the book *Mornas Were the Nights*, by Dina Salústio, emphasizing the themes of female oppression and male domination, also based on the reading of *A Domination Masculina*, by Pierre Bourdieu.

The most important point of this work is to emphasize the fact that the relationships between men and women constitute a social relationship. Focusing on the idea of genders in a categorized way of sex which, for me, as a result of the relationship, one of the ways in which the social relationship between the sexes is expressed, but not the entire relationship

**Keywords:** Male Domination, Gender, Female Oppression

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	8
1. DINA SALÚSTIO E O PROTAGONISMO FEMININO EM <i>MORNAS ERAM AS NOITES</i> .....	10
2. APONTAMENTOS SOBRE A <i>DOMINAÇÃO MASCULINA</i> , DE PIERRE BOURDIEU .....	13
3. AS MORNAS E AS MULHERES.....	16
3.1 - “Liberdade Adiada”.....	16
3.2 - “Forçadamente mulher, forçosamente mãe” e “Campeão de coisa nenhuma” .....	19
3.3 - “Foram as dores que o mataram” .....	23
CONCLUSÃO .....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	28

## INTRODUÇÃO

Há tempos, mulheres sofrem com barreiras sociais provocadas por tradições de um universo machista e patriarcal. Independentemente de onde partiu essa cultura de opressão, o fato é que o feminino, em consequência disso, por muito tempo teve seu papel na sociedade subalternizado por essa cultura machista.

Diversas formas de opressão e violência calaram por muito tempo as vozes femininas e fizeram com que se estabelecesse uma hierarquia de gênero, segundo a qual as mulheres se encontravam sempre abaixo e à mercê da vontade masculina. Infelizmente, essa hierarquia durou por muito tempo e ainda existem reflexos dela na sociedade.

O grande problema é que a opressão feminina foi entranhada também no âmbito familiar, que a fez passar de geração a geração, criando uma rede de mulheres que tendem (seja por medo ou tradição) a somente obedecer a figura maior da casa que é o homem; primeiro a menina obedece ao pai e, depois, tem de obedecer ao marido.

Sociedades machistas tendem a pensar que o corpo feminino pertence ao homem, objetificando-o e visando apenas o prazer e a vontade do sexo masculino. O corpo das mulheres, por muito tempo, tem sido limitado ao prazer sexual. Paradoxalmente, a mulher bem resolvida sexualmente é tratada como “depravada” e a virgindade ainda é tratada como característica da mulher “direita”. No caso das mulheres africanas, por exemplo, esse fator se torna mais agravante, considerando que elas foram escravizadas e seus corpos hiper sexualizados, na intenção de manter a “pureza” da mulher branca. só torna mais importante o fato de que suas vozes precisam ser ouvidas e seu papel passe de objeto para sujeito. Sujeito esse que pode ter suas próprias escolhas e trilhar seu próprio caminho sem ter medo ou sentir qualquer forma de pressão.

Muitas mulheres ainda sofrem silenciadas e precisam de ajuda para que sua voz seja ouvida. Além disso, é muito importante a participação feminina em todos os âmbitos da sociedade. É preciso que mulheres de todos os jeitos, estilos e classes sociais sejam representadas e também representem.

Por isso, o livro *Mornas eram as noites*, da autora cabo-verdiana Dina Salústio, se tornou tão importante para sua época, mas também atemporal, por trazer discussões do



mundo feminino e de uma sociedade machista que tem a regra de o homem ser o “super macho” opressor de mulheres.

Este trabalho abordará as experiências de opressão contra a mulher, apresentadas no livro de contos *Mornas eram as noites*, opressão essa que se dá pela dominação masculina entranhada em culturas machistas desde os primórdios.

Primeiramente, teremos um capítulo introdutório sobre a autora e as especificidades da obra, seguido de um capítulo de reflexões sobre a dominação masculina, baseadas na leitura dos capítulos “A construção social dos corpos” e “Virilidade e violência” do livro *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu (2002), no intuito de apresentar os pressupostos teóricos para a discussão do tema da opressão feminina.

Dados todos esses embasamentos, procederemos às análises dos contos. Dentre os textos publicados no volume, quatro serão foco de nossas considerações críticas: “Liberdade adiada”, a partir do qual será discutida a maternidade e o cansaço da mulher sozinha e sobrecarregada; “Forçadamente mulher, Forçosamente mãe” e “Campeão de coisa nenhuma”, que denunciam a ausência e legitimação da figura masculina e a maneira como o machismo afeta também aos homens; e, por fim, o conto “Foram as dores que o mataram”, que retratada a violência doméstica e suas consequências.

Já no último capítulo, desenvolvemos uma conclusão baseada na leitura comparativa destes dois livros: *Mornas eram as noites* e *A dominação masculina*.

## **1. DINA SALÚSTIO E O PROTAGONISMO FEMININO EM *MORNAS ERAM AS NOITES***

*Mornas eram as noites* se torna um livro muito importante não só para a literatura africana, mas em todo o mundo, por ser escrito por uma mulher, ajudando a estabelecer um espaço feminino no universo literário, até então preenchido tendencialmente por homens. O fato de ser protagonizado por mulheres traz uma discussão muito importante sobre o papel feminino na sociedade através de temas comuns ao cotidiano; cotidiano esse que torna o livro importante em todo o mundo, por ser comum a várias outras mulheres. Tal importância pode ser destacada em uma fala de Dina Salústio em uma entrevista ao site Semanário Luso-Chinês:

Há toda uma ideia construída que procura identificar a escrita feminina como uma escrita superficial ou sobre questões menores, entendendo-se questões menores tudo que não seja diretamente do campo de ação e interesse seculares dos homens, da política à economia, aos jogos do poder. Em Cabo Verde, numa sociedade profundamente machista, retrógrada e pobre, houve um silêncio total sobre o que as mulheres escreveram desde o período em que se atribui o nascimento da nossa literatura, meados do século XIX, até à independência, em 1975. (SALÚSTIO, 2018)

O nome do livro já diz muito sobre ele, pois “a morna” é símbolo de Cabo Verde: estilo musical tradicionalmente cantado por mulheres, que possui um ritmo mais lento e veicula a poesia oral, o que é uma característica da escrita de Dina. Pode-se fazer uma relação entre as mornas e as histórias contadas nos livros; cada história seria uma morna cantada por uma mulher, que representa várias. Através das “mornas” “cantadas” no livro, é possível ter um olhar da sociedade cabo-verdiana: o comportamento masculino, as relações familiares, os dilemas e também a opressão em relação às mulheres, que sofriam por abandono do lar, gravidez precoce, etc.

Nesse livro, é possível perceber as diferentes atitudes femininas diante de um âmbito machista: há quem aja com bravura, deixando claro que não se adequa à cultura machista, há quem dê forças, há quem esteja sem forças e precise de ajuda.

Ao ler as histórias retratadas, é possível perceber a importância de leis protetivas eficazes em prol das mulheres, a importância de se ter um lugar onde possam ser ouvidas, apoiadas, refugiadas.

Bernardina Oliveira Salústio sempre escreveu textos curtos, principalmente para rádio e sempre viu importância em narrar sobre mulheres, de modo que pudesse ser uma voz representativa. Em 1994, publicou seu primeiro livro de ficção, *Mornas eram as noites*, já com 53 anos. Em 1998, lançou o que foi considerado o primeiro romance cabo-verdiano escrito por uma mulher, *A louca de Serrano*. Além desses, publicou outras obras e textos; na maioria deles, o tema era feminino.

Em uma entrevista no Sétimo Festival Literário de Macau, Dina revela que o que a levou a escrever foi o fato de até 75, as mulheres em Cabo Verde não escreverem e de entender que elas tinham esse direito, destacando a importância de juntar as vozes femininas. Dina diz ter escolhido como tema as mulheres em suas escritas por serem invisíveis em uma escala social.

Segundo Genette (1971, p. 255), a narrativa é uma representação de acontecimentos reais ou fictícios por meio da linguagem. Aristotelicamente falando, a narrativa, vista como “mimesis”, é a recriação da realidade, que se dá também através da experiência. Assim se dá a escrita de Dina Salústio: narrativas inspiradas em suas experiências e vivências em Cabo Verde, nas quais busca retratar a realidade de forma profunda e também denunciativa. O protagonismo feminino é o principal horizonte da escrita de Salústio, não se prendendo apenas ao tema da insularidade, muito explorado pelos outros escritores de sua época, mas produzindo uma escrita de reflexão sobre o feminino e o ser humano em si.

Dina Salústio tem como preocupação narrar o papel que as mulheres ocupam na sociedade, revelando seus conflitos íntimos. Em suas histórias sempre estão retratadas a realidade cabo-verdiana cercada por tradições machistas que oprimem as mulheres. Por isso, é muito comum ver nas narrativas de Dina mulheres à procura de seu espaço, tanto físico, como emocional, e por isso estão sempre em situação de deslocamento. Esse protagonismo está ligado ao fato de Dina dar voz às mulheres; voz essa que há tempos vinha sendo silenciada.

(...) a necessidade de publicar as inúmeras histórias de mulheres, histórias de vida que passam por mim. (...) é cá um encontro que é

verdade, um momento só (...) para querer mostrar o meu reconhecimento a estas mulheres caboverdianas que trabalham duro, que fazem o trabalho da pedra, que carregam água, que trabalham a terra, que têm a obrigação de cuidar dos filhos, de acender o lume. Quis prestar uma homenagem a esta mulher (...). (SALÚSTIO apud CAPUTO, 2008, p. 218)

Dentre os 35 contos de *Mornas eram as noites*, é possível perceber, em cada história, o íntimo de cada mulher ali retratada, abrindo espaço para que as mesmas falem através de sua narrativa, dando a elas a “oportunidade do grito”. Em muitos contos é possível perceber quando Dina “sai” para que a personagem “entre” e seja protagonista de sua história. As protagonistas dos contos são mulheres fortes e de todos os tipos, as quais têm que lidar com todas as condições da vida, muitas vezes sozinhas.

As histórias acontecem ao sabor do voo. Falo das mulheres intelectuais, daquelas que não são intelectuais, daquelas que não têm nenhum meio de vida escrito, falo da prostituta, falo de todas as mulheres que me dão alguma coisa, e que eu tenho alguma coisa delas (...) Em Cabo Verde, quando nasce uma menina, ela já é uma mulher.” (SALÚSTIO apud CAPUTO, 2008, p. 218).

## 2. APONTAMENTOS SOBRE A *DOMINAÇÃO MASCULINA*, DE PIERRE BOURDIEU

Em seu livro “*A dominação masculina*” Bourdieu investiga uma parte específica da África (Cabila) e lá observa a dominação masculina em sua forma simbólica, ou seja, relacionada a nossa estrutura de pensamento, que se trata como “natural”. Assim ele fala sobre uma violência simbólica, que está entranhada na cultura a tornando imperceptível ao ponto de legitimar a violência na prática e assim não gerando nenhum tipo de contestação por ser algo “normal”.

Estudando a sociedade em que está, observa que ela é organizada de forma dicotômica, onde a mulher é o polo negativo e o homem o positivo e isso reverbera na sociedade, onde as mulheres seguem regras estabelecidas pelos homens. Também foi observado que o homem é criado para ocupar espaço e a mulher para se resguardar e que isso não se resume apenas àquela sociedade e sim ao redor do mundo.

No capítulo “A construção social dos corpos” Bourdieu aponta o fato de que a diferença biológica entre o corpo masculino e feminino que justifica a diferença socialmente construída entre os gêneros. Segundo ele, as diferenças sexuais permanecem no âmbito dicotômico onde reinam crenças e mitos sobre a superioridade do masculino em relação ao feminino.

O corpo biológico dos gêneros (masculino e feminino) é quem dita a forma de dominação entre eles, pois o corpo masculino, em sua forma simbólica, esbanja virilidade. Bourdieu aponta como exemplo o fato de o falo estar sempre presente nas fantasias coletivas de fertilidade, sendo o item principal de uma fecundação, dando ao homem uma certa superioridade/dominação em relação a mulher.

Nesse capítulo (“A construção social dos corpos”), é abordado o fato de que enquanto ao homem tem seu órgão sexual visto como “semeador” e símbolo viril. A mulher tem sua parte íntima beatizada, sacralizada, fadada a seguir regras. O contato com uma vagina é extremamente rigoroso. Sobre isso Bourdieu fala:

[...] a vagina, socialmente constituída em objeto sagrado, e, portanto, submetido, como o demonstra a análise durkheimiana, a regras estritas de esquivança ou de acesso, que determinam muito rigorosamente as

condições do contato consagrado, isto é, os agentes, momentos e atos legítimos ou, pelo contrário, profanadores.” (BOURDIEU, 2002. p.13)

No conto “Forçadamente mulher, Forçosamente mãe”, do livro *Mornas eram as noites*, é possível perceber essa relação de “sagrado” e vagina. A personagem principal (Paula), já foi “desvirginada”, profanada e como seu ex-companheiro, pai de seu filho foi embora, a sociedade a julgará e será difícil para ela se relacionar com outro homem, pois a virgindade tão aclamada não existe mais. Já seu ex-companheiro não terá problemas com isso, pelo contrário, poderá desvirginar outras mulheres e não ser julgado por isso.

Bourdieu comenta nesse capítulo, “A construção social dos corpos”, sobre a diferença de expectativa sexual entre o homem e a mulher. O homem, em sua grande maioria, busca apenas o gozo, já a mulher lida com isso de maneira afetiva criando assim expectativas que serão frustradas por não se tratar de algo recíproco.

À diferença das mulheres, que estão socialmente preparadas para viver a sexualidade como uma experiência íntima e fortemente carregada de afetividade, que não inclui necessariamente a penetração, mas que pode incluir um amplo leque de atividades (falar, tocar, acariciar, abraçar etc.), os rapazes tendem a “compartimentar” a sexualidade, concebida como um ato agressivo, e sobretudo físico, de conquista orientada para a penetração e o orgasmo. (BOURDIEU, 2002. p. 32)

No conto “Forçadamente mulher, Forçosamente mãe”, esse fato fica muito claro, pois Paula, personagem principal, pensava que seu parceiro permaneceria com ela durante sua gravidez, que ficariam juntos, mas só lhe restaram as “ilusões” como é citado no conto.

Essa relação de diferenças de expectativas também pode ser vista no conto “Foram as dores que o mataram”, onde a personagem principal tinha a esperança de que seu companheiro mudasse, mas ele, por sua vez, apenas queria se satisfazer, além de agredi-la e a desvalorizar.

Já em “Virilidade e violência” o autor aponta o fato de que a cultura androcêntrica também afeta o homem no sentido de ele sempre ter que seguir um padrão específico como por exemplo o da virilidade e a sua postura. Mas isso se dá pelo fato da construção social em que o homem cresce envolvido e simbolicamente exerce o seu “papel de homem”

[...] dirige (no duplo sentido do termo) seus pensamentos e suas práticas, tal como uma força (“é mais forte que ele”) mas sem o obrigar automaticamente (ele pode furtar-se e não estar à altura da exigência); ela guia sua ação tal qual uma necessidade lógica (“ele não pode agir de outro modo”, sob pena de renegar-se.) (BOURDIEU, 2002. p. 31)

O homem cresce com o ideal de fazer parte de um grupo de “homens de verdade”, seus atos de virilidade precisam ser legitimados/ reconhecidos por outros homens. A todo o tempo o homem tem que provar que é “macho”, que é isento de fragilidade. Bourdieu cita as forças armadas, policiais, bandos que põe a prova a “coragem” de um ser do sexo masculino, com o objetivo de saber se ele “merece” fazer parte do grupo de “supermachos”.

Caso o homem não cumpra com os requisitos de masculinidade, é comparado de maneira depreciativa e pejorativa à mulher: “Frágil como uma mulherzinha”. É possível observar esses aspectos no conto “Campeão de coisa nenhuma”, de *Mornas eram as noites*.

É possível explicar a opressão feminina em *Mornas eram as noites*, a partir da visão de Bourdieu de violência simbólica e que essa opressão se dá pela dominação masculina, também como essa cultura reflete na sociedade, tendo em vista que *Mornas eram as noites*, embora seja um livro de contos, reflete a realidade de uma sociedade machista.

### 3. AS MORNAS E AS MULHERES

Um trabalho de análise de obras literárias, como esse, se dispõe a mais do que uma interpretação de texto. Não se trata somente de tentar compreender o que a autora em questão quis dizer com este ou aquele termo, mas também buscar compreender os elementos extralinguísticos que todo texto carrega em si. Além disso, a comparação entre obras ou autores distintos também nos ajuda a entender diferentes visões de mundo através do tempo e do espaço e suas relações de correspondência. Agora que já vimos os aspectos da dominação masculina do ponto de vista de um homem, ou seja, uma figura de certa forma privilegiada pelo sistema, nos resta ver como esse tema é trabalhado na literatura de Dina Salústio, para compreender a visão de quem sofre com a opressão.

#### 3.1 - “Liberdade Adiada”

Em “Liberdade adiada” a personagem principal expressa um desejo profundo de partir, alcançar a liberdade, escapar de sua realidade que a prende e faz de seu corpo e mente uma prisão. Ela se encontra cansada, melhor dizendo, em um esgotamento físico e mental. No primeiro parágrafo, é possível encontrar elementos que determinam o extremo cansaço da personagem principal.

Sentia-se cansada. A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima. (SALÚSTIO, 2002. p.5)

São três os elementos-chave para se entender o porquê de a protagonista estar no auge de seu esgotamento total: a barriga, as pernas e a cabeça.

A barriga da protagonista surgia-lhe como um peso por ter passado por diversos ciclos de gravidez de forma consecutiva. É provável que sua primeira tenha sido de forma precoce e que, depois dela, o ciclo se fez “interminável”.

Aos vinte e três anos disseram-lhe que tinha o útero descaído. Bom seria que caísse de vez! Estava farta daquele bocado de si que ano após ano, enchia, inchava, desenchia e lhe atirava para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente. (SALÚSTIO, 2002. p. 5)



A barriga, além de gravidez, representa a maternidade em si, o ato de cuidar e se dedicar a um ser totalmente dependente. A protagonista estava cansada de engravidar diversas vezes e ter que lidar com as mudanças em seu corpo e em sua vida, somadas às outras batalhas que ela teria de enfrentar.

Embora a protagonista se sentisse cansada da maternidade, é inegável o amor por seus filhos. Esse amor por eles é o que a faz desistir de partir de uma vida cruel e difícil, eles são sua motivação para ainda continuar “tentando”. Quando queria acabar com sua própria vida, a personagem pensa em seus filhos, que ficariam sem amparo ou quem olhasse por eles.

Já as pernas representam o esforço físico diário praticado pela protagonista, associado ao ato de ir e voltar carregando uma lata de água pesada e caminhar longas distâncias. Suas pernas e pés provavelmente estavam a sucumbir devido a tanto esforço. Todo esse esforço somado ao seu trabalho em seu lar, chefiando uma família, cuidando dos filhos.

[...] aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças. (SALÚSTIO, 2002, p. 5)

Muitos questionamentos surgem ao imaginar o porquê de essa mulher enfrentar tudo isso, ao que parece, sozinha. Onde estaria seu marido ou os outros entes de sua família, além dos filhos? Uma possível explicação é que seu esposo tenha feito uma emigração para outras terras em busca de melhoria de vida.

Pelo fato de Cabo Verde não dispor de recursos naturais e, frequentemente, ser assolado por secas sazonais, a sua população, na maioria masculina, recorria à emigração como forma de sobrevivência e esperança de uma vida melhor. Esse movimento migratório de homens muitas vezes casados acabou gerando outro problema social: mulheres e filho abandonados (LUIZ; MONTEIRO, 2016, p. 492)

A maneira com que a personagem “trata” sua lata de carregar água, demonstra o sentimento de solidão que a assolava e, talvez por repetir tantas vezes o ciclo de ir e vir, em busca de água e pesca, a lata tenha se tornado “uma amiga” mais próxima.

A lata e ela, para sempre, juntas no sorriso do barranco. Gostava da sua lata de carregar água. Tratava-a bem. Às vezes, em momentos de

raiva ou simplesmente indefinidos, areava-a uma, dez, mil vezes, até que ficava a luzir e a cólera, ou a indefinição se perdiam no brilho prateado. (SALUSTIO, 2002. p. 6)

Já a cabeça representa a mente. Sua mente estava muito cansada e isso trazia à personagem principal muita angústia, aperto no peito, tristeza por estar num ciclo que parece não ter fim. É tanta essa angústia, que a personagem principal vê como saída o suicídio, vendo nele um certo fascínio, através do qual ela alcançaria finalmente a saída para a vida difícil que levava; depois do sorriso, não se iniciaria mais uma vez um ciclo interminável de desgaste do seu corpo. O barranco para ela não era de nenhum pesar, mas uma opção melhor do que voltar para casa. E ao querer “...esparramar-se no líquido, encharcar-se, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos... (p. 5)”, a personagem mostra o desejo de querer descansar, pois ali, materializada junto ao líquido, estaria isenta de qualquer sofrimento, estando apenas inerte e sossegada.

A linguagem metaforizada do barranco que sorri para ela, faz relação com a morte, que se encontra no conteúdo implícito do conto. Segundo Ricardo Piglia (2004), o conto clássico narra em primeiro plano a história 1 e constrói em segredo a história 2, o relato visível esconde o relato secreto. Podemos chamar também de conteúdo manifesto (o que é dito) e conteúdo latente (o que não é dito). O que vemos no relato visível é uma mãe exausta das suas condições físicas, submissa aos sofrimentos do corpo. No relato secreto, encontra-se uma mulher à beira de um ato suicida e a “libertação” não se conclui na narrativa, ficando somente no campo do desejo.

Conhecia aquele tipo de sorriso e não tinha boas recordações dos tempos que vinham depois. Mas um dia havia e o eternizar. E se fosse agora, no instante que madrugava? A lata e ela, para sempre, juntas no sorriso do barranco. (SALÚSTIO, 2002. p. 6)

A personagem, por amor aos filhos, desiste de seu suposto ato de libertação, pois pensa em seus filhos que estão a lhe esperar em casa. Nesse momento, fica claro que ela não odiava verdadeiramente os filhos, mas sim a situação que passa junto a eles, o fardo que carrega sozinha, característica que pode ser atribuída a várias mulheres caboverdianas: chefiar uma família, trabalhar arduamente em busca de sobrevivência, ter filhos de forma precoce e em número elevado. Ao não dar um nome a personagem, Salústio representa várias outras mulheres que passam pela mesma situação.

O título do conto pode ser entendido nesse momento, quando ela renuncia à sua liberdade, em prol do amor que tem por seus filhos e o fato de não poder deixá-los sozinhos em um mundo tão injusto e desigual.

A narradora-observadora de “Liberdade adiada”, que aparece como personagem no final desse mesmo conto, também compartilha com a protagonista a vontade de mudar, de sair da realidade onde está, só que, diferente da protagonista, a narradora, ao invés do suicídio, pensa em, ao que parece, sair de Cabo Verde, quem sabe viver uma nova realidade; ela apresenta um sentimento de esperança. Em comum com a protagonista, por algum motivo, a narradora também fica, mesmo com sua vontade de partir e viver “outros natais”.

Ao compartilharem as histórias, como é mostrado no final do texto, a narradora é transformada também em personagem, que também tinha o desejo de partir. Essa narradora/personagem também pode ser um reforço à mensagem de que muitas mulheres vivem a mesma situação e possuem os mesmos desejos, compartilhando assim o desejo de partir, mas ter que ficar.

### **3.2 - “Forçadamente mulher, forçosamente mãe” e “Campeão de coisa nenhuma”**

“Forçadamente mulher, forçosamente mãe”, assim como em “Liberdade adiada” tem como protagonista uma mulher que carrega em si um pesar, tristeza e solidão. Porém, a mulher desse conto ainda é uma criança de 16 anos que precocemente ganhou responsabilidade de adulto, mas especificamente de mãe. Paula, personagem principal desse conto, inicia sua vida sexual de forma precoce e com ela uma gravidez, algo que a protagonista não esperava enfrentar tão cedo.

Aos 16 anos, os hormônios de um adolescente já estão à flor da pele, trazendo assim um desejo sexual pertinente. Paula, provavelmente, como várias meninas, esperava uma primeira vez especial, em que pudesse consumir o ato sexual com alguém que fosse importante, que tivesse por ela afeto e que lhe desse amor eterno, o que é uma grande ilusão dela e de várias outras meninas de sua idade. Ao acreditar em falsas promessas, juntamente a uma falta de preparo, maturidade e orientação, Paula acaba grávida e abandonada, o que anula a sua chance de se relacionar de forma amorosa com uma outra pessoa.

Em *Da mestiçagem à caboverdianidade*, Luís Manoel de Sousa Peixeira, afirma:

O casamento significa, ao mesmo tempo, um sacramento e um rito de passagem que marca uma mudança irreversível na vida de cada indivíduo... Ao assumir-se como instituição, reveste-se de preconceitos, entre os quais, o da “posse” e o da virgindade. (PEIXEIRA, 2003, p. 111)

Paula não teria mais essa “virgindade” tão aclamada por um homem, a próxima pessoa com quem ela talvez se relacione futuramente, não terá sido a única a “possuir” seu corpo, logo, se foi tocada por alguém, não é mais digna do casamento e não interessa a um marido não tirar a virgindade de sua esposa, pois seria uma desonra.

Sobre isso, Bourdieu em *A dominação masculina*, também afirma:

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quiddidade do vir, virtus, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual — defloração da noiva, primogenitura masculina abundante etc. — que são esperadas de um homem que seja realmente um homem. (BOURDIEU, 2002, p. 10)

Percebe-se com esse trecho que o machismo afeta também os homens, que devem seguir um padrão de masculinidade, serem sempre viris e provar a todo tempo a sua masculinidade, caso contrário, não será homem o suficiente e isso, por consequência, se reflete nas mulheres, pois são usadas como objeto para que o homem prove seu domínio e virilidade.

Esse machismo que afeta também os homens está bem claro em um outro conto de *Mornas eram as noites*. Em “Campeão de coisa nenhuma”, um homem chega a um bar e o atendente o apresenta a várias mesas em que ele pode sentar. Em cada mesa encontram-se campeões em diferentes áreas da vida, porém esse homem não era campeão em nenhuma e não tinha problemas com isso, mas o atendente se espanta, pois para ele não era possível um homem não se envergonhar de não ser bom em nada:

[...] Não havia tristeza nas tuas palavras e, como pensei que um homem normal o mínimo que se devia sentir era triste pela revelação e porque

já havia percorrido vários grupos onde cada um era melhor que todos [...] (SALÚSTIO, 2002. p. 13)

Esse homem que não é “campeão de coisa nenhuma” entende bem o como o machismo os afeta de forma negativa e como os torna artificiais. E isso fica claro em seu discurso:

-Ensinaram-nos que devíamos ser heróis de qualquer coisa. Exigem que façamos permanentemente exercícios de autoafirmação. Não nos educaram para corposamente debatermos os nossos medos, falhas, hesitações, infernos. Apetrecharam-nos com o mito de supermachos e esperam que sejamos sempre vencedores, fazendo-nos inimigos da própria maneira de estar, escamoteando a verdade, falseando as fronteiras. E porque somos apenas normais e temos vergonha da nossa normalidade, passamos o tempo todo a pensar numa roupagem que impressione. E vestimo-nos de atletas e mascaramo-nos de campeões, para, às escondidas, chorarmos a nossa simplicidade, a vulgaridade que enforma os nossos sentimentos íntimos. Não temos coragem para dizer não sou o melhor e não tenho que o ser, nem justificar-me da minha fragilidade. (SALÚSTIO, 2002. p. 14)

Esse discurso é essencial para entender como funciona a cultura machista onde o homem quer sempre estar no topo, competindo até mesmo com os seus amigos portadores de falo. E essa cultura é legitimada pela sociedade e o homem é considerado superior em relação à mulher, estabelecendo assim uma legitimação de sua dominação ao sexo feminino. O homem é considerado superior não só pelas suas características físicas, mas por seu papel na sociedade, que é ser o provedor. Enquanto à mulher cabe a função de genitora e cuidadora do lar.

O “parceiro” de Paula, por exemplo, não ficou do seu lado, fugindo assim da responsabilidade que também era dele e a ele nada será cobrado, não deixará de se relacionar com alguém, nem mesmo ficará “malvisto” diante da sociedade. Já sobre Paula ficará o fardo pesado do julgamento e do abandono. Mesmo que uma ingênua menina de 16 anos seja vítima de um abandono parental, os olhos se voltarão de forma negativa para ela e serão ignorados todos os fatos que a tornam o homem culpado. Pois, numa sociedade machista, o homem é quem é legitimado.

Sobre isso, Bourdieu aponta:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. (BOURDIEU, 2002, p. 9)

No contexto do conto, muitas meninas também passaram o mesmo que Paula e carregam as mesmas lágrimas e culpas, enquanto os culpados continuam fazendo “próximas vítimas”, saindo disso ilesos.

Queria que ela e todas elas se juntassem e calasse para sempre os latidos daqueles que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites. Com o seu ódio. E que os desfizesse com as suas mãos de mães abandonadas. E os afogassem impiedosamente nas lágrimas de todas as crianças traídas. E esfomeadas. (SALÚSTIO, 1994, p. 35)

Ao desejar que “calassem para sempre os latidos daqueles que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites”, é possível ver a personagem descrevendo a forma que os homens costumam agir; o “latido manhoso” se trata da lúbia que usam para conquistar as meninas, lhe fazerem promessas, “usá-las” e depois abandoná-las.

Já no trecho “lágrimas de todas as crianças traídas. E esfomeadas” (p. 35), é importante se atentar ao fato de que as mães são largadas pelos charlatões sem um mínimo amparo, jogadas à própria sorte para sobreviverem sozinhas com uma criança, tendo que lidar não só com o abandono, mas com as condições sociais precárias como a fome. Esse fato só reforça como uma sociedade machista é doentia e injusta e como um homem sai ileso de qualquer situação só por ter nascido homem.

Paula passou de uma adolescente cheia de sonhos e ilusões para uma mãe abandonada, que teria que enfrentar todas as mudanças em seu corpo sozinha, juntamente com o julgamento da sociedade. Quanto mais o tempo passava e a gestação avançava, mais a adolescente sonhadora ia se desfazendo e dando lugar a uma precoce mãe, forçadamente amadurecida por fora, mas ainda frágil por dentro. “E as ilusões vão-se perdendo nos vômitos da gravidez”. (p. 35).

A protagonista desse conto, assim como a de “Liberdade Adiada”, se encontra sem forças e sem esperança, mas diferente de uma mãe experiente, que tem como um incentivo de força seus filhos, Paula está na sua primeira gravidez, que é precoce e não

tem nenhuma experiência em ser mãe solo. Por ser abandonada, não tem onde buscar forças, não tem a sua “oportunidade do grito”. As duas mães desses contos carregam dores parecidas que não anulam a dor da outra, mas mostram que ambas são vítimas de uma sociedade cega.

Queria vê-la com raiva. Revoltada. Decidida. Mas, por Deus, aos dezesseis anos quem pode ter essa força toda? Quem pode estar tão armado? (SALÚSTIO, 2002, p. 35)

No último parágrafo do conto, Paula, sem forças e “chorando à escondidas”, ainda possui esperanças, porém há uma quebra de expectativa pela autora ao dizer que “secará com o primeiro leite do primeiro filho. Secará como os sonhos da adolescente forçadamente mulher. Forçosamente mãe” (p. 36). Paula terá realmente uma maior noção do que está passando e terá que enfrentar quando o filho nascer, o que lhe trará mais responsabilidade do que o ter na barriga e terá de fazer isso só.

Paula, protagonista do conto, foi apenas vista como um objeto sexual, tratada como “descartável” tanto pelo seu “parceiro” como pelo âmbito social em que vive, pois a ela está sendo negado auxílio, assistência, o direito de denúncia a um abandono parental. A falta de uma política que visa o direito da mulher no âmbito de Paula, só perpetua uma cultura falocêntrica, na qual o homem sempre tem razão e não precisa cumprir seus deveres, cabendo a ele somente a satisfação sexual.

A sexualidade, nas sociedades patriarcais, é centrada no prazer masculino, o que gera representações no corpo feminino como “maleável, instrumental e descartável” (Ibidem, p. 476)

A última frase do conto termina como começou: dando a ideia de um ciclo; e esse ciclo significa que o tempo passa, mas Paula ainda será uma grávida precoce, abandonada, assim como outras diversas meninas de sua idade.

### **3.3 - “Foram as dores que o mataram”**

O conto começa com uma narração, que traz ao leitor um contexto, o aproximando dos personagens e o deixando a par da situação. Essa narração se encerra no segundo parágrafo e só volta a aparecer no final, dando fim a um monólogo triste, comum e

banalizado. Como outros contos desse livro, os personagens não são nomeados, pois a sua história se repete em outros lares.

Através da narração é possível perceber que antes de todo o mal que passa a protagonista, o casal era “comum”, compartilham o amor, independente de quando se conheceram, porém, não foram duradouros os bons tempos; as “flores” foram só o início, se tornando depois em espinhos dolorosos pelo maltrato a uma mulher desiludida.

Ao longo do conto, pelo relato da personagem, é possível encontrar os motivos que a fizeram matar seu marido; tal atitude pode, talvez, ter sido sua última esperança de um pouco de paz, descanso e alívio para a sua alma tão maltratada. A ação de matar, embora tenha sido cometida por ela, não foi por essência sua culpa; mas uma reação a toda opressão que sofria em sua própria casa, que deveria ser seu lugar de proteção, e essa ausência de culpa e premeditação fica clara com a repetição da sentença: “Eu amava-o. Porquê matá-lo?”

Pode-se perceber que o “porquê” utilizado na frase é um substantivo que expressa motivo, ou seja, a personagem busca motivos pelo qual teria cometido tal ação, mas no fundo ela já sabe quais foram esses motivos, e continua repetindo a pergunta para si mesma para que assim possa ter sua culpa de certa forma perdoada, deixando claro os motivos diversos que ela teve para cometer tal crime.

O marido da protagonista de “Foram as dores que o mataram”, “recorre” a ela apenas para benefício próprio, como o seu próprio prazer sexual. Através dos relatos do protagonista, é possível perceber que ele não se importava com seus sentimentos ou prazer. Para ela, o sexo não era algo prazeroso e sim doloroso, pois era um ato sem amor; como se seu corpo fosse apenas um objeto descartável.

A protagonista desse conto tinha a esperança de que fosse olhada de maneira diferente, de que ele sentisse saudades e “voltasse” para ela, de que por ela tivesse afeto. Mas como mostra o trecho: “mas para mim, não voltava nunca. Apenas para pedaços de meu corpo que esquecia logo”, o marido já tinha estabelecido um ciclo de dominação incontestável sobre ela, o qual, para ele, se tornou natural. Neste outro trecho “(...)meu corpo recusado e dolorido após o uso e os abusos” é possível perceber que o ato sexual, por vezes, também não era de sua vontade, intensificando ainda mais esse domínio sexual que ele se achava no direito de estabelecer sobre ela.



Dentro de uma cultura machista, onde reina a dominação do masculino, existe a divisão do trabalho, na qual o homem sai para trabalhar, convive em sociedade e a mulher permanece no âmbito privado, cuidando da casa e dos filhos, além de ter que satisfazê-lo quando voltar, e é essa relação que se passa nesse conto: o homem se coloca em situação superior a mulher, onde é o único beneficiado. Sobre essa relação de dominante/dominado Satre aponta:

E o poder, ao que tudo indica, é um instrumento de dominação, enquanto a dominação, assim nos é dito, deve a existência a um “instinto de dominação”. Lembramo-nos imediatamente do que Sartre disse a respeito da violência quando em Jovenel que “um homem sente-se mais homem quando se impõe e faz dos outros um instrumento de sua vontade, o que lhe dá um ‘prazer incomparável’”. (ARENDR, 1994, p. 33)

Em nenhum momento ao longo do conto “Foram as dores que o mataram”, a protagonista mostra sinais de contestação. Uma explicação para seu silenciamento pode ser o fato de que ela ainda tinha esperanças de mudança e por ainda continuava naquela situação. Uma outra explicação para tal “silenciamento” pode ser o fato de a sociedade machista sempre culpar e deslegitimar a mulher.

Embora a protagonista não contestasse de forma direta seu marido, internamente ela não estava contentada com essa opressão que sofria e o resultado disso é sua ação final que é a de matar o seu opressor.

Uma outra questão a ser discutida nesse conto, é a dependência emocional que a mulher tinha em relação ao marido. Ela se “prende” a uma lembrança antiga, de quando ele não a tratava de forma ruim. Por isso ela ao longo do conto ela sempre repete que ‘o amava’, quando na verdade amava o que ele era. A pessoa que ele se tornou para ela não era mais digna de seu amor. Talvez matá-lo tenha sido a única maneira que ela tinha de se desprender daquela figura que ela ainda imaginava como seu amor, mas que não a fazia mais bem. Visto que a separação era inviável, matá-lo fisicamente seria a única forma de conseguir se livrar emocionalmente daquele ciclo.

## CONCLUSÃO

Após as leituras das obras de Bourdieu e Salústio, considerando suas visões de mundo, constatamos que o tema da opressão/dominação entre gêneros é um assunto pertinente a todos, pois mesmo que um dos lados aparente ser mais favorecido, tais privilégios também possuem um preço quase tão alto quanto o da classe oprimida. Isso é algo que só conseguimos perceber quando ouvimos e entendemos os diferentes lados da história.

Bourdieu nos conta que a dominação masculina se dá principalmente por fatores biológicos. A figura biológica masculina é vista socialmente como mais poderosa, portanto, a tendência é que ele sobressaia na sociedade, independentemente se o homem se identifica ou não com toda essa força. Se fossem as fêmeas que nascessem com falo e com os hormônios masculinos, as posições de dominância e opressão se inverteriam, pois o corpo do homem seria lido como o mais frágil, invertendo assim os papéis sociais.

Enquanto o filósofo nos expõe esses fatos, que são a causa primária da dominação masculina, Dina Salústio, em sua literatura, nos mostra a consequência desses fatos a longo prazo, expondo toda a inferiorização das mulheres, mas mais do que isso, dando voz a essa classe silenciada, as colocando como protagonistas. Em vez de expor algo como “o homem está me oprimindo”, ela expõe “eu estou sendo oprimida”; isso, em caráter textual, coloca as mulheres finalmente em posição de destaque, sendo sujeitos e não objetos.

Também é importante salientar as diferenças de caráter textual entre as duas obras, afinal, além de haver uma distinção na maneira como ambos compreendem e vivenciam um mesmo assunto, há também uma diferença no jeito em que eles vão expressar essa vivência. Ao criar o seu universo literário, Salústio não somente expõe um problema, mas também nos insere de alguma maneira dentro daquela esfera, criando uma relação de simpatia e identificação com suas personagens, o que facilita a compreensão daquilo que ela quer expor. Por outro lado, Bourdieu, embora com um caráter mais expositivo em seus textos, também ajuda a criar essa atmosfera de identificação ao utilizar pessoas reais, resultados de suas próprias pesquisas e suas próprias vivências. Isso é um fato que aproxima não somente esses dois autores, mas a filosofia e a literatura de maneira geral.

Dentro de suas particularidades, essas duas esferas discursivas podem trabalhar perfeitamente juntas para a formação de pensamentos críticos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2002

IMBERT, Enrique Anderson. **Teoría y técnica del cuento**. Barcelona: Editorial Ariel, 1991.

ROAD, The Script. **A Louca do Serrano**. Youtube. Data:

SALÚSTIO, Dina. **Mornas Eram As Noites**. 3ª Edição. 2002

SALÚSTIO, Dina. **“Insularidade na literatura cabo-verdiana”** In: Cabo Verde: insularidade e literatura, org. Manuel Veiga, Paris: Karthala, 1998, p 33.